

AS MUDANÇAS NA ESTRUTURA PRODUTIVA E OCUPACIONAL ENCURTAM O GAP SALARIAL FEMININO? ¹

Gabriela Pereira Sotéro ², Patricia Bonini³

¹ Vinculado ao projeto “Criação e destruição de emprego e o prêmio salarial das novas ocupações: uma análise com foco em diferenciais de gênero”

² Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas – ESAG – Bolsista PROIP/UDESC

³ Orientadora, Departamento de Ciências Econômicas – ESAG – patricia.bonini@udesc.br

Estudos sobre diferenças salariais têm indicado uma tendência de redução no *gap* salarial de gênero no Brasil e em outros países, nas últimas décadas - por exemplo, [1] e [2]. O presente trabalho investiga em que medida as mudanças nos processos produtivos, que eliminam e criam novas ocupações, podem afetar as relações salariais entre ocupações na economia brasileira – em especial, os chamados “prêmios salariais” e (desigualdades de gênero) na economia brasileira. A principal hipótese de pesquisa é que essas alterações ocupacionais têm contribuído para o encurtamento do *gap* de gênero.

A metodologia da pesquisa consiste no uso de dados observacionais, que são analisados através de filtros de atividade econômica – Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) - e de ocupação – Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). A inspeção inicial dos dados indicou que as maiores alterações ocupacionais ocorreram nos ramos de atividades correspondentes às seções C, J e M da CNAE. A partir daí, essas atividades passaram a compor a amostra da pesquisa. Além disso, como se observou pouca diferença entre as cinco regiões brasileiras quanto à movimentação de ocupações, o enfoque passou a ser nacional. As estimativas de diferenças salariais foram obtidas com a metodologia de decomposição Oaxaca-Blinder, e as variáveis de controle foram idade, escolaridade e experiência, em linha com a teoria do capital humano.

Fonte: RAIS- MTE

Seção e participação na amostra	Seção C*		Seção J*		Seção M*	
	Ano	Ano	Ano	Ano	Ano	Ano
	2009	2021	2009	2021	2009	2021
	86,5%	72,7%	8,54%	12,2%	4,93%	15,1%
Porcentagem de Mulheres	28%	31%	39,8%	36,3%	42,7%	47,1%
Faixa** de escolaridade média – Mulheres	6	7	7,4	8	7,3	8
Faixa** de escolaridade média – Homens	5,7	6	7,3	8	6,7	7
Número de códigos extintos	170		353		238	
Número de códigos novos	152		230		253	

Tabela I Perfil de gênero e escolaridade: seções C, J e M – 2009 e 2021

*Seção C: Indústria de transformação, seção J, indústria de informação e comunicação, seção M: atividades profissionais, técnicas e científicas.

** Escolaridade: 6 - ensino médio incompleto; 7 - ensino médio completo; 8 - ensino superior incompleto)

Na Tabela I é ilustrado que o grau de escolaridade média dos trabalhadores aumentou entre 2009 e 2021 e as mulheres possuem maior grau de escolaridade em todas as seções. A seção C encolheu - em termos de número de trabalhadores - e teve um saldo negativo em termos extinção e criação de novas ocupações. Nas seções J e M, o número de novas ocupações supera o número de ocupações extintas. Mesmo que algumas das novas ocupações sejam apenas modificações no código de ocupações tradicionais, o saldo de criação é positivo. A pesquisa identificou 597 novos códigos de ocupações nas atividades C, J e M, sendo que algumas delas aparecem nas três seções e por isso esse número é inferior à soma que pode ser feita com os dados da Tabela I. Em termos de número de trabalhadores, a pesquisa verificou ainda, entre 2009 e 2021, a seção C encolheu 13.9 pontos percentuais, em termos de total de trabalhadores e as seções J e M cresceram, respectivamente, 3.7 e 10.3 pontos percentuais.

Após estudo das ocupações novas e extintas, considerou-se uma amostra de 140 ocupações novas para estimativa dos diferenciais salariais. Estimou-se a vantagem salarial das novas ocupações, que se mostrou consideravelmente menor para os homens em todas as seções. Validando a seleção da amostra de ocupações, as estimativas sugerem uma maior média salarial desse conjunto em relação às ocupações já existentes. Fonte: elaboração própria com base na RAIS

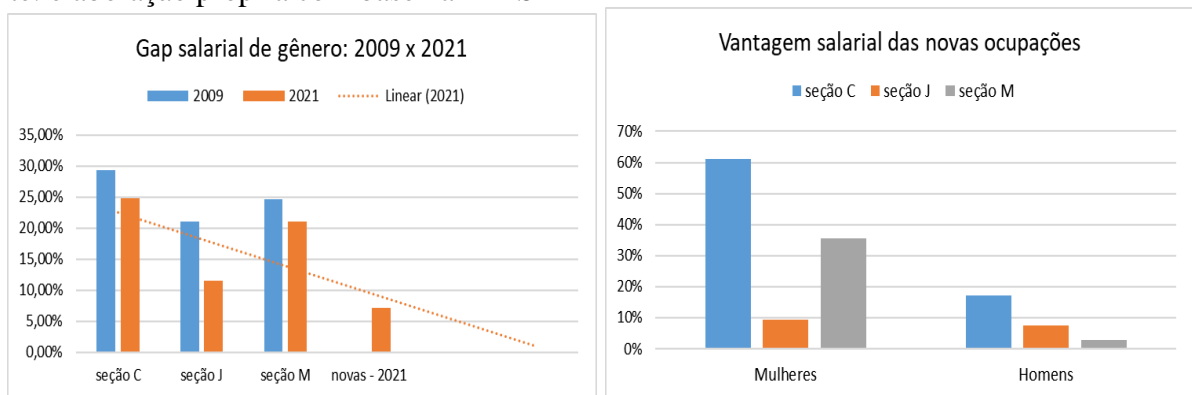


Figura 1: Redução da desvantagem salarial feminina e prêmio salarial das novas ocupações

As diferenças de gênero através de indústrias e ocupações continuam sendo importantes, mas sofreram considerável redução entre 2009 e 2021. A menor redução ocorreu na indústria de transformação – seção C, enquanto a maior redução, na indústria de informação e comunicação - seção J. Esta última incorpora a indústria de tecnologia de informação, o que vai ao encontro do que tem sido enfatizado por [3] a respeito da persistência das desvantagens salariais e do grau de flexibilização de horários nos locais de trabalho. Enfatiza-se a contribuição das mudanças ocupacionais para essa tendência quando se apresenta, no gráfico à esquerda, que o *gap* de gênero restrito ao conjunto de novas ocupações é pouco mais de 5% de desvantagem salarial feminina.

Referências

- [1]BLAU, F. and KHAN, L. The Gender Wage Gap: Extent, Trends, and Explanation. NBER wp 21913, 2016
- [2]GIUBERTI, A.C., MENEZES-FILHO. N. Discriminação de Rendimentos por Gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Economia Aplicada**, v. 8, n 3, p. 369-383, 2005
- [3]GOLDIN, C. A grand gender convergence: its last chapter. **American Economic Review** 104(4): 1091–1119, 2014.